

CORRENTES

Fui uma única vez ao Museu do Ipiranga: foi em 2001, quando, na viagem de Manaus para o Japão, parei durante três dias para rever familiares em São Paulo. Na ocasião, um amigo levou-me para conhecer o museu.

Confesso que, apesar do fascínio que me despertou cada setor do prédio — afinal, sempre fui um apaixonado pela História do Brasil —, não sei bem por que motivo, daquela visita, não foram as imagens de imperadores nem de heróis de guerra que me ficaram na memória.

Foi, sim, o momento em que desci as escadas e adentrei um setor que, segundo o guia, fora uma senzala no século XIX. Lá, não tenho dúvidas, um sentimento diferente apossou-se de mim. Pois era como se meu corpo também sentisse, naquele breve instante, toda a dor e a injustiça provocadas pelos chicotes e correntes, que, durante séculos, oprimiram e torturaram a homens, mulheres e crianças. E, naquele instante, até para minha própria surpresa, uma lágrima desceu pelo meu rosto.

Meu amigo, entre atônito e envergonhado, perguntou-me o que estava acontecendo.

Tudo o que respondi foi: “Por favor, vamos sair daqui”.

E saímos: da sala e do museu.

Desde então, não mais retornei ao museu. Não porque não o desejasse; mas porque ainda não tive a oportunidade de retornar a São Paulo.

O que se passou comigo naquela sala, em 2001? Até hoje não encontro uma explicação racional. Tampouco definitiva. Seria carma? A culpa carregada por um descendente de traficante de escravos? Seria possível que eu estivesse sentindo remorsos pelo que meus bisavós e tataravós fizeram?

Não: tal ideia me parece demasiadamente absurda. De tal modo que prefiro a explicação mais simples: o de minha humanidade.

Humanidade esta que fez entristecer-me ao pensar em como somos capazes de escravizar e/ ou humilhar nossos semelhantes, buscando motivos tão irrelevantes, como a cor da pele?

E, entre coroas e brasões, foram nas correntes que ficaram aprisionadas minhas mais significativas recordações daquela visita ao museu.